



ANTES DA MULHER: A SUBJETIVIDADE DO CORPO NA FOTOGRAFIA COMO FRENTE DE AÇÃO FEMINISTA

Karla Gonçalves

UFPE, contato.kgfotografia@gmail.com

RESUMO: Este trabalho disserta acerca do ensaio “Antes da Mulher” (2015), criando relações com a representação do corpo como expressão de uma subjetividade necessária e urgente no que tange à ressignificação dos valores de representatividade da mulher na sociedade. O ensaio fotográfico oferece campo para que se problematizem as relações de poder no cenário pós-feminista, principalmente, no tocante ao corpo feminino. Este artigo visa abarcar o conceito de subjetividade nômade feminino aliado com a visão da arte como expressão política do sensível, que é recorte de uma investigação de mestrado, em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco.

Palavras-chave: *Fotografia. Pós-feminismo. Gênero e Sexualidades.*

1. RESSIGNIFICANDO INSTÂNCIAS.

Este artigo paira sobre duas instâncias: a do caráter de continuidade inconsciente dos pesos valorativos, distorcidos, preponderantes numa sociedade que, historicamente, introjeta, além dos códigos que constroem a mulher ideal, o medo, a submissão e a rejeição de seus corpos; e uma segunda que trata a fotografia como instrumento de ressignificação de sentido em direção a um diálogo expressivo, por vezes confundido com pedidos de socorro.

Dessa forma, o ensaio “Antes da mulher”, de minha autoria, é precursor numa série de fotografias que lidam, intimamente da minha relação com a gravidade de ser mulher, ainda numa procura constante em que formulo e ressignifico os espaços e caminhos que galgo, recebendo o refluxo das imposições socioculturais que ditam regras

patriarcais as quais, dia a dia, instabilizam a lógica de aceitação que tenho com meu próprio corpo.

Uso-me, então, como experimento no ensaio, onde dou voz ao descontentamento que está além do espelho, que paira sobre os ombros da minha árvore genealógica e que recai fortemente em forma defensiva, questionando a incisão e repercussão de discursos ultrapassados, ditados intermitentemente, pelo machismo que se alonga em nosso tempo.

Com base, ainda no ensaio, construo diálogos com o conceito de subjetividade nômade feminista, trabalhado por Rosi Braidotti (2002) e com as potências existentes no fazer criativo e na fotografia, assinalando a representação do corpo através do sensível, no sentido de observar as vozes que ecoam com



mais intensidade e força no momento pós-feminista em que vivemos.

Usa-se o termo “pós-feminista” entendendo-se que a reflexão crítica sobre o feminismo, hoje, ultrapassa as problemáticas encontradas no início das lutas e demarcações das mulheres nos anos 60 do século XX. Que, no entanto, continuam, mas deslocam o sujeito “mulher” como centro do feminismo, abarcando identidades não polarizadas entre homem/mulher, feminino/masculino.

Segundo Braidotti (2002) é importante tecer um realinhamento com a criatividade conceitual, sendo necessário um embasamento teórico que abranja questões como a inércia, a nostalgia e outras formas que induzam a uma crítica tendo em vista a condição da história pós-moderna. Tudo isso com a finalidade de manter o foco na importância de aprender a pensar diferentemente sobre nós mesmos, à procura de reformular nossos processos em relação ao outro.

Nesse sentido, discorro sobre o ensaio “Antes da mulher” criando metáforas entre o passado distorcido, o presente de mudanças, quebras, e um futuro onde visualizo e figuro cenários mais empáticos, não só para mim, mas para todas as gerações de mulheres que estão por vir, tendo como aparato a resolução ou atenuação de desconfortos através da arte.

Na relação *arte – subjetividade – transformação*, entendo o corpo, o sensível, o íntimo e os símbolos que afloram desses elementos, como pontos de partida para a formação da identificação que possibilitará a consciência maior sobre as inquietações trabalhadas na arte. No momento em que o artista consegue promover tais encontros, como disse Jung (2012, p. 83), “a voz de toda humanidade ressoa em nós”.

2. ELUCUBRAÇÕES DE ANTES: DE FORA PARA DENTRO.

Encontrei-me, em 2015, num momento em que precisava refazer e criar novos caminhos a fim de entender o meu corpo, minhas obrigações e sentia ser necessário desenterrar as raízes mais expostas dos meus medos para obter uma possível compreensão que só viria após visualizar a profundidade e a urgência de cada uma delas.

Nesse exercício, construí internamente afetos com o feminismo, que me mostraram que os pesos que carregava também afligiam outras mulheres. O corpo perfeito, alimentado e mediado pelos meios de comunicação, discursos religiosos e outros artefatos culturais, domam, pressionam e atingem o psicológico feminino em todas as brechas possíveis. Realizei, portanto, que o processo de aceitação do meu corpo com suas marcas, unicidade, seria uma constante a ser



trabalhada de fora para dentro.

Descobri que as raízes que procurava expor eram mais palpáveis do que pensava, pois não pairavam num imaginário abstrato, mas se encontravam na forma de fotografias que descansavam no álbum herdado por minha mãe, que data origem no início do século passado. Em suas páginas, pude entrar em contato com rostos de pessoas desconhecidas, em sua maioria de homens cujas procedências, nomes e histórias tornaram-se perdidos nas gerações pelas quais o álbum passeou.



Figura 1: Fotografias dos homens encontrados no álbum de família

Fonte: arquivo pessoal do processo de criação do ensaio “Antes da Mulher”

Barthes (2010, p.172) afirma que “A sociedade procura tornar a Fotografia sensata, temperar a loucura que ameaça constantemente explodir o rosto de quem olha”. Foi assim que me senti diante dos olhares desconhecidos, atrevidos e dispostos

sem explicações maiores nas fotografias: divaguei em elucubrações que me referenciavam apenas o peso intensificado de geração em geração, na importância descabida de prevalecer histórias não contadas, por um fetiche compartilhado culturalmente por aqueles que já foram donos desse álbum.



Figura 2: Fotografias dos homens encontrados no álbum de família

Fonte: pessoal do processo de criação do ensaio “Antes da Mulher”

Nesse sentido, reflito sobre os incômodos causados ao observar as fotografias. Logo, compreendo que derivam do inconsciente, que alertam para a necessidade de uma autoanálise: será que o peso que sinto ao observar tais imagens provém do fato de que, além das imagens guardadas, temos nós, mulheres, nos confinado a deter e dar cabo à perpetuação das histórias que nos fazem reféns de tabus sociais? Existe uma contribuição desses homens que, meros desconhecidos, intervêm de forma tão forte a ditar e fazer prevalecer



um discurso que põe em voga a cartilha explicativa sobre como ser mulher, em corpo e em mente?

À procura da sublimação de um “corpo perfeito”, que hoje se dirige através da mídia em todos os espaços possíveis de transmissão, é que junto às perguntas e sentimentos anteriores o corpo que não se encaixa nas devidas medidas superficiais dos comerciais de cerveja. Submeto-o ao olhar desses homens e turvo, intencionalmente, a definição das minhas formas corporais, sobrepondo os rostos que desconheço, mas que continuam sendo guardados pelo apego da família.

Susan Sontag (2013, p. 96) divaga acerca do poder da fotografia afirmando que “a sedução das fotos, seu poder sobre nós, oferece, a um só tempo, uma relação de especialista com o mundo e uma promíscua aceitação do mundo” reiterando, logo, os impactos realizados por uma fotografia que se distancia da necessidade de explicação, que se revigora apenas por ser imagem, consumida crua, sem questionamentos, sem lentes, unicamente por ser, ainda, vista como parte de um documento histórico, perdendo seus possíveis diálogos e a geração de novos.

Barthes (2010, p.175), em suas análises, também discorre sobre a (falta de) sensatez dessa fotografia usual, colocando em

questão o êxtase fotográfico que se alimenta apenas de uma estética consensual, invalidando e interrompendo outras construções. Finaliza dizendo que “essas são as duas vias da fotografia. Cabe a mim escolher, submeter seu espetáculo ao código civilizado das ilusões perfeitas ou afrontar nela o despertar da intratável realidade”. Logo, visualizar os caminhos sensíveis que apontam para uma realidade que pede por ser mudada dá espaço à verdadeira mudança.

O processo de ressignificação parte da incompatibilidade do pensamento com a realidade. Parte da falta de concordância, coesão do sentimento com o mundo material. A observação de insignificâncias que se postergam na história cria a necessidade de metamorfose das formas de pensar e criar. É nessa quebra que o ensaio Antes da Mulher se baseia, na busca da subjetividade que desfaz os laços com um passado de dor.

3. A EXPRESSÃO E A SUBJETIVIDADE COMO FRENTE DE AÇÃO

Sempre acreditei no exercício da fotografia como meio de expressão, que, na maioria das vezes, sequer pede por palavras complementares e explicativas para impactar e criar rastros sensoriais nos expectadores. No entanto, aliei o uso da



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

palavra e da subjetividade para dar ênfase aos questionamentos que floresceram no processo de descobrimento das fotografias dos homens a repousar no álbum de família. Admito tais imagens como sendo símbolos que renderam inquietações acerca dos pesos que perduram na forma de se conceber os ideais sobre o corpo da mulher.

Através das reflexões suscitadas a partir da observação das imagens e do texto componentes do ensaio Antes da Mulher, visualizo que, no tocante à subjetividade, lido constantemente com tais símbolos emotivos, ainda não traduzíveis e que, apesar de não terem a roupagem própria do signo, são capazes de revelar os fundos da subjetividade presente nas fotografias. Jung (2012, p.83), referindo-se à imagem arquetípica, que significa genealogicamente, confere que:

Quem fala através de imagens primordiais, fala como se tivesse mil vozes; comove e subjuga elevando simultaneamente aquilo que qualifica de único e efêmero na esfera do contínuo devir, eleva o destino pessoal ao destino da humanidade e com isto também solta em nós todas aquelas forças benéficas que desde sempre possibilitam a humanidade salvar-se de todos os perigos e também sobreviver à mais longa noite.

Abaixo, segue o texto poético, de minha autoria, criado paralelamente, de forma intuitiva, como parte do processo de construção do ensaio, cujas imagens estão dispostas em seguida:

“Apesar de morno e uterino, era frustrante expelir ondas sonoras e não conseguir escutar meus próprios pensamentos... Estavam comprimidos no oco da minha cabeça, em ebulição, prestes a explodir meu psicológico que procurava por ar. O cômodo não era mais local para mim. Precisava mesmo era sair e ver se do lado de fora, encontraria outros espaços. Acordei, após anos de morbidez, dentro de uma piscina calma. Meu corpo encontrava-se totalmente imerso, misturando-se ao cintilar das moléculas de água e ao silêncio enclausurante que o meio me impusera. Mas como toda semente saudável um dia brota por alguma felicidade do destino, avistei uma porção de terra descendo cautelosamente pela água, qual uma bailarina desenrolando-se em passo leve, e me perguntei o que ela estaria fazendo dentro da minha piscina. Saí. Fertilizei-me, mas a visão acostumada ao quadrado da piscina me perseguiu por muitas Eras. Expus-me a um espaço em que era desconcertante sentir meu corpo sem a suavidade e fantasia que a água me trazia.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Movia-me com fluidez, mas, ainda assim, era dolorido pisar na terra. Era aterrorizante passear por entre espaços com diferentes criaturas, cheias de fuzuê na cabeça. Quis voltar inúmeras vezes, me pus em questão e perguntei o porquê de aqueles seres andarem com sacolas pesadas a criar calos em suas mãos. Um dia, tomei coragem para perguntar o que havia no interior delas. Me responderam: tijolos. O que seria isso? Observando, percebi que misturavam água e terra, criando tais pedras pesadas. Tinham muito medo de andar sem esses elementos e, assim, carregavam mais do que conseguiam suportar. Um dia, fui apenas água, hoje, ganhei a terra, ainda estou à procura de entender qual o espaço ideal entre esses dois elementos, mas sei que não quero criar mais calos”.

Karla Gonçalves, novembro de 2015.



Figura 3: Antes da Mulher 1
Fonte: a autora



Figura 4: Antes da Mulher 2
Fonte: a autora



Figura 5: Antes da Mulher 3
Fonte: a autora



O feminismo contemporâneo cultiva e entende que as experiências traumáticas do feminino atingem e sensibilizam outras mulheres que lutam, principalmente, por terem suas vozes suficientemente audíveis, a fim de que seus espaços de ocupação sejam preservados e respeitados. É possível dizer, desse modo, que o pós-feminismo percebe o corpo de uma forma diferenciada da reconhecida no início de seus esforços.

Jung (2012, p.83), ao relacionar os temas arte e psicanálise, aborda o significado social da obra de arte, afirmando que “ela trabalha continuamente na educação do espírito da época, pois traz à tona aquelas formas das quais a época mais necessita”. Amplia-se, assim a capacidade de percepção, recepção e compreensão de um dado sentimento, antes latente, inconsciente e íntimo de vários, que passa a ser externo, trabalhado conjuntamente, revolucionando as formas de pensar na sociedade.

Nesse sentido, Braidotti (2002) fala sobre figuração, entendendo o corpo como o mapa político que coloca em evidência a perspectiva de que a auto-imagem passeia por camadas de visão descentralizadas e dinâmicas que mostram o sujeito como uma entidade passível a e constituída por mudanças. Logo, pode-se dizer que o corpo é esse entremeio intercalando o sujeito e o

mundo, que se difunde nos espaços políticos e sociais, através de gestos e representações, sendo capaz de compartilhar, assim, sentimentos que partem de um, mas que atingem e reverberam sobre os outros.

Concebo, portanto, uma tríade que, aliada, pode capacitar, curar e transformar sistematicamente formas de pensamento já não cabíveis. *Subjetividade, políticas de quebra e arte* são os elementos que, associados legitimam o sensível e potencializam as ações de reforma. Suely Rolnik (2006, p. 02), acerca da subjetividade e da arte, observa que:

A especificidade da arte enquanto modo de expressão e, portanto, de produção de linguagem e de pensamento é a invenção de *possíveis* – estes ganham corpo e se apresentam ao vivo na obra. Daí o poder de contágio e de transformação de que é portadora a ação artística. É o mundo que está em obra por meio dessa ação. Não há então por que estranhar que a arte se indague sobre o presente e participe das mudanças que se operam na atualidade.

A subjetividade baseia-se e ganha vida quando associada à arte que dá a ela a visibilidade necessária para que questões inquietantes, por vezes difíceis de serem trabalhadas apenas através da palavra. Precisam, assim, ser reformuladas com a ajuda de outras linguagens, aparatos e ferramentas para que um molde próprio e único crie códigos e novos significados que



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

irão dar cabo de transmitir os sentimentos, de um sujeito para vários. Fayga Ostrower, (2014, p. 125) entende que “Na obra de arte, qualquer que seja o estilo e a época, transparece uma tomada de consciência ante a realidade vivida, ainda que o indivíduo formule sua experiência em termos subjetivos”.

Suely Rolnik (2006) fala sobre um “corpo vibrátil” que se constitui de um conjunto de órgãos sensíveis, capazes de perceber a força da vibração do mundo, apreendendo realidades muitas vezes irredutíveis. É, nesse fluxo de apreensão, que o sujeito sente a necessidade de encontrar meios diferenciados para exalar as potências captadas. Quando novas sensações se incorporam à textura do sensível, podem se tornar intransmissíveis por meio das representações que dispomos. Por essa razão, vivemos uma crise das referências e saímos em busca de novas formas de expressão, estas, subjetivas.

Observamos, no pós-feminismo, a adoção de políticas de subjetivação que conectam a sensibilidade da arte com as urgências que não conseguem ser ditas e transformadas a partir dos parâmetros antigos. É por isso que, defendendo-se um feminismo contemporâneo, com novas causas e visões, compreendemos um cenário diferente, onde tais políticas já atuam modificando a história.

Esse processo de mudanças também pede que façamos uso da subjetividade a fim de nos adequarmos às novas necessidades que surgem, exercitando a elaboração de outras formas de expressão mais leves e, ao mesmo tempo, intensas.

Concluo esse artigo com o olhar num futuro no qual a arte poderá ser, cada vez mais, aliada primeira das transformações, em que inquietações ao serem compartilhadas, serão capazes de quebrar as repetições repletas de ilusões provenientes de grandes narrativas sobre como viver a feminilidade.

Assim, finalizo com o pensamento de Rosi que avalia o presente, afirmando que “Se a única constante no início do terceiro milênio é a mudança, logo, o desafio consiste em pensar em processos, em vez de conceitos” (BRAIDOTTI, 2002). Entendendo-se processos como os possíveis meios de pensar e expressar os agentes responsáveis por tais mudanças, abrimos um leque gigantesco de possibilidades ao explorar a arte em todas as suas praticáveis.



4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, ed. 12, 2010.

BRAIDOTTI, R. **Metamorphosis towards a materialist theory of becoming**. Cambridge: Polity Press, 2002.

BRAIDOTTI, R. **Diferença, Diversidade e Subjetividade Nômade**. labrys, estudos feministas número 1-2, julho/ dezembro 2002. Disponível em: <
http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Diferenca_Diversidade_e_Subjetividade_Nomade.pdf>, último acesso: 18/04/2016.

GONÇALVES, K, S. **Antes da Mulher**. Recife, 2015. Disponível em: <
<http://www.karlagoncalves.com.br/2015/11/antes-da-mulher.html>>, último acesso em 25/04/2016.

JUNG, C.G. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis, Vozes, ed. 7, 2012.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, Vozes, ed. 30, 2014.

RAGO, M. **Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos**. Depto de História – UNICAMP. Disponível em: <
http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Feminismo_e_subjetividade.pdf>
Último acesso: 11/04/2016.

ROLNIK, S. **Geopolítica da cafetinagem**. São Paulo: PUC-SP, 2006. 2 p. Disponível em:<
<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetivada/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf>>, último acesso: 13/04/2016.

SONTAG, SUSAN. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das letras, ed.7, 2013.